

humanitas

Vol. IV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOL. IV (NOVA SÉRIE, VOL. I)



COIMBRA
MCMLII

Eric Partridge, **From Sanskrit to Brazil**. Hamish Hamilton,

London, 1952. xiv + 146 pág.

O título deste livro de «vignettes and essays upon languages» dá ideia da diversidade dos assuntos tratados. Por «vignettes», o A. entende «shorter essays», ou pequenas notas sobre história de palavras. O seu tom é o da divulgação inteligente, que, para se tornar acessível ao grande público, omite a maior parte da documentação erudita, toma um tom leve e atractivo, de leitura fácil, mas, apesar disso, é, nas palavras do A., «evidence — fact, not fabrication».

O Português (1) vem citado na secção mais erudita («Essays and Studies»), especialmente no estudo sobre «Articled Nouns», ou palavras que apresentam aglutinação do artigo. Com efeito, a propósito de vocábulos árabes com aglutinação do artigo *al—*, correntes em inglês, aparecem, com alguma frequência, palavras portuguesas. E no final do curioso e aliciante estudo sobre a expressão popular inglesa «the real Mackay», ou americana «the real McCoy», que significa *o que é autêntico, genuíno*, vem citado H. L. Mencken (*The American language*) que ouviu da boca dum condenado a prisão perpétua numa cadeia americana que a expressão tinha a sua origem em «*the real Macao — the uncut heroin smuggled in from the Portuguese island colony of Macao*». Aplicada a um produto de consumo, a explicação tradicional refere a expressão ao whisky, especialmente o escocês, e não ao estupefaciente.

Não quero, todavia, deter-me neste aspecto da inclusão do Português entre as línguas a que o livro faz referência. A sua menção na revista *Humanitas* deve-se ao último «essay», intitulado «Westward to the Fortunate Isles».

Trata-se, como é de esperar, dum estudo sobre expressões modernas, mas a história da ideia das «Ilhas Afortunadas», desde a Antiguidade, está feita com exactidão, sequência e finura, apesar do propositado afastamento de toda a erudição, excepto a indispensável. O A. cita sobre o conhecido tema a documentação tradicional de autores e respectivos passos (2): Homero, Hesíodo, Píndaro, Heródoto, Platão, Apolodoro, Plauto, Horácio, Estrabão, Pompónio Mela, Plínio, Plutarco, Ptolomeu, Solino.

(1) Num livro do mesmo A., *A Dictionary of Forces' Slang: 1939-1945* (Londres, 1948) que folheei, por acaso, em Oxford, aparece urna curiosa reminiscência da vida portuguesa de outros tempos, numa frase de calão naval: «*Portuguese parliament — a rowdy discussion, a kag (Navy)*». Por sua vez, *Kag* é explicado como «a naval argument, all talking, none listening».

(2) Estes são aqui omitidos, para não tomar demasiado espaço a *Humanitas*.

A evolução no tratamento do mito é assim resumida: «A princípio, ele foi poético e, em certa medida, religioso; depois, histórico e filosófico, e só, como reminiscência, religioso; finalmente, histórico e geográfico» (pág. 130).

Sobre o mito, dentro da literatura grega, merecem referência as seguintes palavras do A., a propósito de Heródoto: «No começo da segunda fase, encontramos Heródoto (484-425 a.C.) a dizer que o Grande Oásis de Kargeh — como muito mais tarde veio a ser conhecido — *é chamado na língua grega, a Ilha dos Bem-aventurados* (trad. de A.D. Godley): pouco importante, em si própria, esta referência recebe uma importância extrínseca do simples facto de indicar [...] um sentido figurado da frase, uma alusão comparável à de Tennyson, *She desires no isles of the blest* [...]». O A. passa seguidamente a outros testemunhos, e não trata mais de Heródoto.

Pensamos, todavia, que o caso de Heródoto merece um pequeno comentário, dada a época em que o historiador escreveu:

Em primeiro lugar, tal como acontece com o seu contemporâneo Píndaro, os MS. de Heródoto contêm menção ora de *uma só ilha*, ora de *mais do que uma*. As versões francesas tradicionais, por exemplo, referem-se geralmente a *uma ilha*, e o próprio texto da ed. *Belles-Lettres* (1) segue essa variante: *ονομάζεται ὁὐο χῶρος οὗτος κατὰ Ἑλλήνων γλώσσαν Μακάρων νήσος*.

Em segundo lugar, o testemunho do historiador, com o seu emprego translato da expressão, indica a voga, não apenas literária, mas também coloquial do conceito da *Ilha* ou *Ilhas dos Bem-aventurados*, o qual, como se sabe (2), era familiar nas sociedades órficas do século v a. Cristo. Deste emprego coloquial da expressão, podemos citar, para não ir além de dois exemplos, um passo de Aristóphanes e outro de Platão: o coro de dicastas, ou juizes, ao ouvir da boca do dicastomaniaco Filocléon as excelências da profissão, afirma: «[...] eu inchava, ao ouvi-lo, e tinha a impressão de estar a julgar nas ilhas dos bem-aventurados, tão contente me sentia com as suas palavras» (*Vespas*, 637 e sgs.); e Sócrates, no diálogo platónico *Menéxeno*, 235 C, diz quase o mesmo a respeito das lisonjas dirigidas pelos oradores ao público ateniense. Além disso, a *μακάρων εὐωχία* de que fala Aristóphanes (*Rãs*, 85), ou a *μακάρων εὐδαιμονία* de Platão (*Fédon*, 115 C), para não citar mais exemplos,

(3) Hérodote, *Histoires*, texte établi et traduit par Ph. — E. Legrand, 2ème éd. revue et corrigée. Paris, 1949, m, 26.

(4) Cf. L. R. Farnell, *Greek Hero Cults and Ideas of Immortality*, Oxford, 1921. Ver, em especial, o cap. xiv (Individual Belief in Immortality: the Mysteries and Orphism). Cf. também Eruin Rohde, *PSYCHE. The Cult of Souls ana Belief in Immortality among the Greeks*, London, 1925, em especial, o cap. II (Islands of the Blest).

mostram bem o carácter proverbial da expressão. O exemplo de *Vespas* (5), representada em 422, é muito significativo, pois esta comédia é pouco posterior à morte de Píndaro (438) e de Heródoto (425), e mostra bem como a *ilha* ou *ilhas dos bem-aventurados* eram matéria do domínio público.

Voltando ao livro de Eric Partridge, mencionemos que o autor de *From Sanskrit to Brazil*, estuda o desenvolvimento moderno, em sentido alegórico, do conceito, e a evolução da frase *to go v est* na literatura inglesa desde o século xv, bem como na linguagem corrente da Inglaterra e dos Estados Unidos. Mencionemos, para exemplo de um texto literário, a novela de espionagem da Agatha Christie, *N or M?*, publicada em 1941:

«*Gone West*, as a euphemism for dying, or being destroyed, or passing out of existence, was particularly in vogue among the British during the First World War. It will be noted that its roots go back to ancient Egypt.»

«Westward to the Fortunate Isles» é um *essay* que os classicistas, e todos os leitores que se interessem pela história de palavras e de ideias, lerão com o maior gosto e proveito.

Para não alongar mais a presente nota sobre tão informativo e ameno livro, acrescentarei apenas que ele nos esclarece também sobre o A., pois contém ainda um capítulo auto-biográfico. Em «Genesis of a Lexicographer» fica-se a conhecer a vida movimentada de peregrinação intelectual de Eric Partridge, neo-zelandês de nascimento, formado na Universidade de Queensland (Austrália), bolseiro em Oxford, professor e filólogo publicista. Dos seus dois anos em Oxford faz o comentário seguinte que, certamente, bem pode ser repetido por todos os que lá estiveram em idênticas circunstâncias: «To my two years at Oxford I owe an unrepayable debt».

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

(5) Cf. a nota de B. B. Rogers, *The Wasps of Aristophanes*, London, 1915, ao verso 635. Aí se mencionam mais alguns textos sobre as Ilhas Afortunadas, que Partridge não cita: o escólio de Harmódio; Eurípides, *Helena*, 1677; Luciano, *Cataplus*, 24; e o passo do *Menéxeno* de Platão, acima usado. A lista de *Icci classici* podia ser ainda aumentada.